

Registro da Agrobiodiversidade em Comunidades Rurais do Semiárido Brasileiro

Inventory of Agrobiodiversity in
Rural Communities of Brazilian
Semi-arid Region

*Eliza Maíara Nogueira de Sena¹, Caroene de
Lima Araújo², Deisy Aiane Lima de Aquino¹,
Irlane Cristine de Souza Andrade Lira², Leila
Regina Gomes Passos³, Maria Luciene da Silva³,
Maria Aldete Justiniano da Fonseca Ferreira⁴*

Resumo

Este trabalho teve como objetivo realizar o registro comunitário da agrobiodiversidade nas comunidades Caiçara (Petrolina, PE), Tanque Novo (Casa Nova, BA) e Vereda do Mari (Sento Sé, BA). Foi aplicado um questionário em busca de informações sobre as variedades locais (VLs). A comunidade mais pobre em agrobiodiversidade é a Caiçara, onde são conservadas cinco VLs de batata-doce, uma de maxixe e uma de cabaça. Em Tanque Novo, foram registradas 80 VLs de abóbora, capim, feijão-de-corda, mandioca, melancia comum e forrageira, leucena, palma forrageira e milho. A comunidade Vereda do Mari foi a mais rica em agrobiodiversidade, sendo conservadas 194 VLs de abóbora, melancia comum e forrageira, caxixe, melão, mandioca, algaroba, sorgo, feijão-de-corda, andu, palma, capim e gergelim. É recomendada a técnica participativa Kits de Diversidade para a comunidade Caiçara, a fim de ampliar a diversidade de cultivos. Para as comunidades Vereda do Mari e Tanque Novo, que

¹Estudante de Biologia – UPE, bolsista PIBIC CNPq/Embrapa Semiárido, Petrolina, PE.

²Estudante de Biologia – UPE, estagiária da Embrapa Semiárido, Petrolina, PE.

³Estudante de Biologia – UPE, bolsista FACEPE/Embrapa Semiárido, Petrolina, PE.

⁴Engenheira-agrônoma, D.Sc. em Genética e Melhoramento de Plantas, pesquisadora da Embrapa Semiárido, Petrolina, PE, aldete.fonseca@embrapa.br.

possuem uma grande diversidade, recomenda-se a implantação de bancos comunitários de sementes e de canteiros de diversidade.

Palavras-chave: agricultores familiares, conservação, variedades locais.

Introdução

O papel desempenhado pelos agricultores tradicionais na conservação da agrobiodiversidade foi reconhecido pela primeira vez em 1992, com a Convenção da Diversidade Biológica (CDB) (BRASIL, 2000) e, posteriormente, no Tratado Internacional da FAO sobre os recursos fitogenéticos importantes para a alimentação e agricultura (TIRFAA) (FAO, 2004). No documento elaborado na CDB consta a obrigatoriedade de os países signatários desenvolverem pesquisas com conservação *on farm* e cumprir com a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados com o uso dos recursos genéticos conservados pelos guardiões da agrobiodiversidade (BRASIL, 2000).

No mundo, são poucas as pesquisas com conservação *on farm*, o que evidencia que nestes 20 anos de vigência da CDB houve pouco avanço na área. Mais raras ainda, são as pesquisas participativas desenvolvidas com a aplicação de ferramentas e técnicas que envolvam diretamente os agricultores tradicionais desde o início até o final das mesmas (BOEF et al., 2007).

Em relação às técnicas participativas, o registro da agrobiodiversidade comunitária é essencial, pois gera informações importantes para a proteção do conhecimento associado às VLS contra a biopirataria, assim como para bioprospeção e monitoramento da erosão genética. Além disso, fortalece as comunidades no sentido de terem um melhor conhecimento e entendimento dos seus recursos genéticos e seus valores. O registro da agrobiodiversidade comunitária, portanto, consiste em se fazer, de forma participativa, uma listagem dos cultivos valiosos para as comunidades com o registro de uma série de informações mínimas de cada VL e deve responder, no mínimo, às seguintes questões da comunidade: O que temos? O que é mais valioso para nós? Por que precisamos conservar? Como usamos? Como poderemos usar no futuro? A quem pertencem os materiais e o conhecimento tradicional? Como transmitimos o conhecimento tradicional de geração a geração? (SUBEDI et al. 2007).

Este trabalho teve como objetivo fazer levantamento e registro da agrobiodiversidade nas comunidades Caiçara (Petrolina, PE),

Tanque Novo (Casa Nova, BA) e Vereda do Mari (Sento Sé, BA) localizadas no Semiárido brasileiro, assim como recomendar técnicas participativas no manejo da agrobiodiversidade.

Material e Métodos

Este trabalho foi realizado com 32 famílias da Comunidade Vereda do Mari, 26 de Tanque Novo e 14 da Caiçara. Para a realização desse registro, foi aplicado um questionário considerando-se: o que se planta (espécies); nome local da VL; origem da VL; tempo que conserva a VL; usos da VL; troca e/ou venda de sementes da VL; tamanho da área de cultivo; uso de adubo químico ou orgânico; ocorrência de praga e/ou doenças; locais de comercialização de produtos e subprodutos; motivos pelos quais conserva a VL; possíveis riscos de deixar de cultivar a VL. Para complementar as informações dos registros, posteriormente, foram adicionados os nomes científicos das espécies e o sistema reprodutivo (sexual ou assexual). Para cada comunidade, foi realizado um registro da agrobiodiversidade.

Resultados e Discussão

A Comunidade Caiçara é a que conserva menor número de VLs, sendo uma de maxixe (*Cucumis anguria*), uma de cabaça (*Lagenaria siceraria*) e cinco de batata-doce (*Ipomoea batata*). Os nomes locais das variedades de batata-doce são 'Vermelha', 'Vermelha 02', 'Mulumbim', 'Branquinha' e 'Sete-semanas'.

A comunidade Tanque Novo se destacou pela quantidade de VLs de mandioca que conserva, sendo um total de 29, denominadas como 'Macaxeira', 'Lagoa Branca', 'Mulatinha' e 'Rasgadinha'. Há também predominância de espécies forrageiras como o capim, com 12 VLs, palma forrageira, com oito, o milho e a melancia forrageira, com cinco VLs de cada espécie e a leucena, com duas VLs. Adicionalmente, os agricultores familiares dessa comunidade conservam dez VLs de feijão, cujos nomes locais são: 'Azul', 'Corda', 'Canapu' e 'Paulistinha'; uma de abóbora e oito de melancia.

Em Vereda do Mari, foram registradas 40 VLs de melancia ('Listrada', 'Comum', 'Branca', 'Gaúcha', 'Preta', 'Mineira', 'Lisa' e 'Cor-de-

periquito'); 27 de feijão ('Roxo', 'Barrigudinho', 'Canapu', 'Corda', 'Costela de vaca', 'Sempre-verde' e 'Ligeiro'); 26 variedades locais de abóbora ('Comum', 'Jacaré', 'Japonesa', 'Lisa', 'Grande', 'Jerimum'); 27 variedades de mandioca ('Aipim', 'Mandioca-doce', 'Mata-fome' e 'Rasgadinha'); três de gergelim; três de caxixe e uma variedade de melão. Existem, também, plantas com potencial de uso na alimentação animal, como uma VL de algaroba; seis de palma forrageira; dez de melancia forrageira, uma de sorgo, 25 de capim, e 23 de milho.

Todas as variedades locais das três comunidades são ou já foram intercambiadas entre os agricultores familiares. Os possíveis riscos da erosão genética dessas culturas, segundo os agricultores, são as causas ambientais. Os cultivos são utilizados para alimentação humana e fornecimento aos animais em forma de ração e, quando se tem uma boa produção, vende-se o excedente, com exceção da cabaça, utilizada apenas para fazer artesanato ou como utensílio doméstico.

Com o registro comunitário da agrobiodiversidade, constatou-se que a comunidade Vereda do Mari apresentou maior diversidade de cultivos, seguida de Tanque Novo e Caiçara, onde quase não há diversidade. Desta forma, diferentes tipos de técnicas participativas devem ser desenvolvidos nessas comunidades, de modo que seja fortalecido o manejo comunitário da agrobiodiversidade (SHAPIT et al., 2007). Na comunidade Caiçara, que apresenta a menor diversidade em relação às outras duas comunidades, devem ser distribuídos kits de diversidade com cultivos de interesse dos agricultores, a exemplo do projeto desenvolvido no Oeste Catarinense com sementes de milho, arroz, feijão e legumes (SHAPIT et al., 2007). Esses kits deverão ser monitorados para verificar se levarão, ou não, a um aumento da diversidade na comunidade. Em Vereda do Mari, onde se tem maior diversidade, deve ser implantado um Banco Comunitário de Sementes com definição de um estatuto, no qual devem constar todas as regras e normas de gestão e de intercâmbio de germoplasma, como realizado no projeto Semente da Paixão, na Paraíba (SHAPIT et al., 2007).

Outras técnicas participativas podem, também, ser desenvolvidas nas comunidades como Canteiros de Diversidade com as variedades locais de determinada espécie, o que permitirá verificar se realmente são diferentes VLS ou não, quais seriam as características de distinção entre as VLS, a existência ou não de duplicatas, entre outras informações relevantes.

Igualmente importante é o desenvolvimento de programas de melhoramento participativo, quando for o caso, e de agregação

de valor aos recursos genéticos de modo que a conservação dos mesmos permita também a geração de renda e, conseqüentemente, colabore para o empoderamento e autossustentabilidade das comunidades.

Em termos de melhoramento participativo, o Brasil é reconhecido pelo projeto Sol da Manhã, que resultou em uma variedade melhorada pelos agricultores familiares do Mutirão Sol da Manhã, no Rio de Janeiro (MACHADO; MACHADO, 2007).

Conclusões

A comunidade Vereda do Mari conserva 194 variedades locais, enquanto a comunidade Tanque Novo conserva 80 e Caiçara sete, sendo a comunidade que apresentou menor diversidade.

Com o objetivo de ampliar a diversidade local na comunidade de Caiçara, recomenda-se a técnica participativa kits de diversidade. Para as comunidades Vereda do Mari e Tanque Novo, recomenda-se a implantação de Bancos Comunitários de Sementes e de Canteiros de Diversidade.

Referências

BOEF, W. S. de; THIJSSSEN, M. T.; OGLIARI, J. B.; STHAPIT, B. (Ed.). **Biodiversidade e agricultores**: fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre: L&PM, 2007. 271 p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. **Convenção sobre diversidade biológica – CDB**. Brasília, DF, 2000. 30 p.

FAO. **International treaty on plant genetic resources for food and agriculture**. Roma, 2004. 28 p.

MACHADO, A. T.; MACHADO, C. T. de T. Melhoramento participativo de cultivos no Brasil. In: BOEF, W. S. de; THIJSSSEN, M. T.; OGLIARI, J. B.; STHAPIT, B. (Ed.). **Agricultores e biodiversidade**: fortalecendo o manejo comunitário da biodiversidade. Porto Alegre: L&PM, 2007. cap. 3, p. 93-102.

SHAPIT, B.; SUBEDI, A.; GAUTAM, R. Ferramentas práticas que estimulam o Manejo Comunitário da Agrobiodiversidade. In: DE BOEF, W. S.; THIJSSSEN, M. T.; OGLIARI, J. B.; STHAPIT, B. (Ed.) **Agricultores e biodiversidade**: Fortalecendo o manejo comunitário da biodiversidade. Porto Alegre: L&PM, 2007. cap. 4, p. 136-153.

SUBEDI, A.; STHAPIT, B.; RIJAL, D.; GAUCHAM, D.; UPADHAYAY, M. P.; SHRESTHA, P. K. Registro da biodiversidade comunitária. In: BOEF, W. S. de; THIJSEN, M. T.; OGLIARI, J. B.; STHAPIT, B. (Ed.). **Agricultores e biodiversidade: fortalecendo o manejo comunitário da biodiversidade**. Porto Alegre: L&PM, 2007. cap. 4, p. 153-157.